

# A sociedade da mercadoria e sua objetividade espectral: resenha da obra *Introdução à O Capital* de Karl Marx, de Michael Heinrich

*The society of commodities and its spectral objectivity: a review of the work Introduction to Karl Marx's Capital, by Michael Heinrich*

Glauber Xavier 

A obra recém-publicada no Brasil, de autoria do estudioso marxista alemão Michael Heinrich, teve sua primeira publicação em 2021. Traduzida por César Mortari Barreira e com revisão da tradução feita por Guilherme Leite Gonçalves, elaborada nos marcos da “Nova Leitura de Marx” (*neue Marx-Lektüre*), a obra fornece importante contribuição às novas interpretações do pensamento de Marx. Seu autor confronta tanto as interpretações historicistas de *O capital*, aquelas influenciadas pela leitura feita por Engels, quanto as interpretações “econômicas” daqueles autores que enxergam, em Marx, apenas um economista que se encarregou de promover a crítica à economia burguesa. Ele denomina ambas as concepções de marxismo tradicional. Para tanto, Heinrich recupera um método de exposição do pensamento de Marx inaugurado por autores do início do século XX, como Issac Rubin, para os quais o processo de troca tem um papel crucial, qual seja o de permitir que os produtos de distintos trabalhos sejam igualados.

Nesse processo, o que deve ser considerado é o trabalho abstrato e não o trabalho concreto contido em cada mercadoria. Daí que para Marx o valor de troca não consiste em uma substância intrínseca à mercadoria, mas ele advém das relações sociais que permitem a sua manifestação enquanto tal, ocasião em que o tempo de trabalho individualmente dispendido é reduzido ao tempo de trabalho socialmente necessário. “A substância do valor e, portanto, a objetividade do valor só são obtidas pelas coisas quando colocadas em relação de troca, em relação umas com as outras” (Heinrich, 2024, p. 64). E, para que fique claro, “A troca não produz valor, mas opera a mediação dessa relação. Em uma sociedade estruturada a partir da produção privada, somente a troca pode efetuar esse processo.” (Heinrich, 2024, p. 66).

## RESENHA

<https://doi.org/10.12957/rep.2026.96301>

\*Universidade Estadual de Goiás,  
Cidade de Goiás, GO, Brasil.  
E-mail: [glauberlx@gmail.com](mailto:glauberlx@gmail.com).

Como citar: XAVIER, G. A sociedade da mercadoria e sua objetividade espectral: resenha da obra *Introdução à O Capital* de Karl Marx, de Michael Heinrich. Em *Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 61, pp. 231-234, jan./abr. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2026.96301>

Recebido em 13 de janeiro de 2025.

Aprovado para publicação em 15 de maio de 2025.

Responsável pela aprovação final:  
Silene de Moraes Freire.



© 2026 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Logo, cumpre considerar que para Michael Heinrich a crítica da economia política realizada por Marx extrapola a crítica aos fundamentos da economia regida pelo Capital, mas diz respeito fundamentalmente à sociedade da mercadoria. Nesta sociedade, onde a reificação e a alienação caracterizam as relações sociais, o capitalismo assumiu a condição de “religião da vida cotidiana”, conforme expressou Marx. O reino da mercadoria se generalizou e incluiu o trabalho. O autor explora essa questão mobilizando as categorias de análise legadas por Marx. Inicialmente a relação entre valor, valor de uso e valor de troca. Em seguida, a chamada *fórmula geral do capital* (D-M-D’). Heinrich explora o papel do dinheiro, suas funções, enfatizando o fato de que no capitalismo o dinheiro assumiu uma função crucial: a de mercadoria *per se* e que para isto não foi necessário, conforme a própria história se encarregou de mostrar, que ele tivesse que estar atrelado a um dado metal ou mercadoria.

Ainda sobre o valor em Marx, a obra aponta questões bastante relevantes: 1. A crítica ao processo de valorização do capital não pode se apoiar em um julgamento moral. A exploração da força de trabalho se dá como desdobramento da própria dinâmica de produção e acumulação de valor. 2. A própria categoria de exploração não diz respeito a um determinado agrupamento de trabalhador cujas condições de trabalho sejam precárias e cuja renda seja bastante inferior ao necessário à reprodução da força de trabalho, mas se refere a todos os trabalhadores, uma vez que não é possível que haja valorização do capital sem a extração de mais valor. 3. Ainda que o autor não tenha aprofundado nessa questão, ele reconhece a importância do trabalho reprodutivo na dinâmica capitalista, o que envolve diretamente o papel das mulheres.

Convém considerar uma categoria fundamental apontada pelo autor para a apreensão do movimento do capital: a de *objetividade espectral*. Esta categoria tem relação direta com o trabalho abstrato, dado que a mercadoria ganha objetividade apenas no processo de troca, quando o que interessa não é o trabalho concreto, mas o trabalho abstrato, por meio do qual os produtos do trabalho se apresentam indiferenciados em relação a sua condição imanente: o valor. Aqui, para fins mercadológicos, não interessa as necessidades que permitem atender, quando o valor de uso deve ser considerado, mas o fato de que possam ser vendidas e compradas. Embora nesse circuito as necessidades sejam relevantes sob a ótica do comprador, para efeitos mais amplos (do modo de produção) de nada importam. “Nesse sentido, o valor de uso só foi produzido na medida em que representa valor e mais-valor.” (Heinrich, 2024, p. 110).

Ao percorrer a exposição sobre o processo de produção, circulação e valorização do capital, Michael Heinrich incorpora nos capítulos finais aspectos fundamentais da obra de Marx, especialmente aqueles que são apresentados no terceiro volume de *O Capital*. Conforme observa, o capitalismo permite que o próprio capital se torne uma mercadoria, de onde origina um mercado de crédito e com base no qual surge o mercado financeiro

e, portanto, o caráter fictício do capital. Antes, contudo, analisa a relação entre capital, valor e lucro, esclarecendo as razões pelas quais lucro e mais-valor não consistem na mesma coisa. Tal distinção é essencial para desmistificar qualquer compreensão que parta do princípio de que os salários remuneram o trabalho em sua integralidade. Com efeito, o trabalho excedente é aquele que constitui o mais-valor, ao passo que o lucro é a relação entre o mais-valor e o capital adiantado nos meios de produção (capital constante + capital variável) ou *taxa de lucro* ( $m/(c + v)$ ).

A exposição de Heinrich é bastante detalhada e de fato facilita a compreensão da *magnum opus* de Marx. Todavia, não é exagero reconhecer que o marxista russo Isaak Rubin tivera os mesmos *insights* teóricos no início do século XX. Em *A teoria marxista do valor*, publicada em 1923, Rubin descortinou, com base no postulado do fetiche da mercadoria, o seu caráter social e não apenas técnico e, ao tratar de *O capital* em sua inteireza, promoveu arguta análise da relação entre lucro médio e preço de produção. Nesse sentido, não se pode afirmar que o estudo de Heinrich devotado à *O capital* contenha grande originalidade.

Em todo caso, há que se ressaltar a contribuição da obra sob análise no que concerne o papel do moderno *capital portador de juros*, cuja circulação comporta algumas especificidades, como o nível das taxas de juros (determinado pela oferta e a demanda por crédito) e o papéis desempenhados pelos capitalistas (*capitalista monetário* e *capitalista funcionante*). A rigor, não existe uma taxa de juros “natural”, assim como não se pode afirmar a existência de uma relação direta entre a taxa de juros e a taxa média de lucro. Pode-se ilustrar o circuito percorrido pelo moderno capital portador de juros da seguinte forma: D–D–M–D’–D’’. Com efeito, o juro consiste na apropriação de parte do mais-valor criado pelo trabalho socialmente necessário para a produção das mercadorias, de todas elas. Todavia, tal apropriação é escamoteada, de sorte que no plano da aparência não há relação entre tal apropriação e o processo de produção.

Pela sua própria importância e amplitude do debate, os três últimos capítulos do livro ensejariam novas obras. Neles, o autor explora o fetichismo que conforma as relações burguesas e aponta alguns problemas que permeiam as elaborações de Marx sobre a revolução. Para Heinrich, ao contrário do que advogava Marx, não se pode defender a inevitabilidade do processo revolucionário, pelo que atribui um caráter determinista da história na exposição de seu *Manifesto Comunista*. E ainda, ressalta a relevância de *O capital* para a compreensão do modo de produção capitalista e a maior cautela de Marx em relação aos processos históricos. Por fim, Heinrich dedica algumas páginas ao debate sobre a relação entre o Estado e o capital, bem como sobre a possibilidade histórica do comunismo, apontando que: 1. Sem o Estado, o modo de produção capitalista não teria condições de reprodução e 2. Que o comunismo não se resume à conquista e defesa do Estado em oposição aos interesses burgueses, e que para seu sucesso é necessário, além do desenvolvimento das forças produtivas, o desenvolvimento das habilidades dos trabalhadores e trabalhadoras.

Em síntese, é altamente recomendável a leitura da introdução a *O capital* feita por Michal Heinrich. Ela permite que o leitor, ao se deparar com a grande obra de Marx, esteja munido de algumas noções preliminares de inestimável importância. É certo que a Introdução feita por Heinrich não substitui o estudo de *O capital*, mas é inegável que o entendimento do caráter fetichista que permeia as relações sociais na sociedade da mercadoria, em outras palavras, que a sua objetividade espectral, por trás da qual repousam relações de trabalho alienadas e por meio das quais são produzidos os objetos a serem ofertados no mercado, permitirá que não se conduza uma interpretação equivocada dos escritos de Marx em sua crítica da economia política. Somente isto — o que não é pouca coisa — já justifica a leitura desta introdução.

## Referências

HEINRICH, M. *Introdução a O capital de Karl Marx*. Trad. César Mortari Barreira; Revisão da tradução: Guilherme Leite Gonçalves. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

RUBIN, I. *A teoria marxista do valor*. São Paulo: Editora Polis, 1987.